

Século XXI: Território, Estado e Globalização*

Tiago Oliveira Nicoloso**

A reestruturação do capital é um dos elementos que compõem a crise em que vivemos, fazendo com que o mundo do trabalho e da produção passe por metamorfoses, muitas delas assustadoras. Essa metamorfose gerou, e está gerando, a partir da globalização econômica, uma outra globalização no âmbito das relações socioculturais, influenciando diretamente na maneira como o Estado Nação, o território, e sua gestão são encarados.

É a partir desse contexto que a autora da obra *Século XXI: Território, Estado e Globalização* coloca de forma bastante clara, objetiva e, por que não dizer, didática, as (inter)relações que dão suporte a essa reestruturação do capital em nível mundial, porém, com “reflexos locais”, tendo como objetivo de estudo a análise de algumas alternativas de gestão dos novos e dos velhos territórios surgidos em meio ao colapso da face neoliberal do capitalismo.

Aspectos como a quebra de barreiras alfandegárias, a competitividade sem precedentes, modificações na lógica de produção, o abandono do *fordismo*, flexibilidade de produção, teleinformática, redução dos custos de transportes, produção e eliminação de grandes estoques, internacionalização da produção, diversificação de produtos, menos trabalhadores mas altamente qualificados, são utilizados para tecer um panorama evolutivo das relações trabalho-produção-produto-consumidor ao longo dos últimos anos.

A obra reconhece o papel assumido pelas grandes corporações na atualidade, de extrema importância para a análise da conjuntura econômica, principalmente, se considerarmos que é a partir delas que o comércio exterior torna-

* Oliveira, M. de, Giovana. Caxias do Sul, EDUCS, 2002.

** Aluno do Curso de graduação em Geografia da UFRGS, Bolsista do Programa Especial de Treinamento da PET-GEOGRAFIA DA SESU-MEC.

se o elemento propulsor da dinâmica do mercado global, juntamente com os investimentos estrangeiros externos e a mundialização financeira.

As representações gráficas utilizadas pela autora são bastante ilustrativas no que se refere à importância do capital financeiro (ou volátil) frente aos investimentos diretos externos (IDE) e sua área de circulação no globo.

Essas áreas de circulação de capitais ou "polarizações da globalização econômica" são trabalhadas de forma bastante clara e permitem um bom entendimento de suas dimensões, ações e conseqüências. A tríade citada pela autora (EUA, Europa e Japão), representa muito bem o caráter desse processo de globalização.

Um reflexo bastante importante, que não deixou de ser citado, é a existência de pólos ou pontos interligados com a rede globalizada, localizados em países pobres e/ou de economias emergentes, em função da desindustrialização e da flexibilidade das regras do emprego, gerando terceirização e, conseqüentemente, a fragmentação das relações trabalhistas.

Nesse contexto, buscando analisar a crise do capital sobre a óptica da Geografia, sobretudo, da Geografia Política, a autora resgata alternativas propostas no campo da Gestão Territorial surgidas no final do século XX. Porém, é a partir da exposição das idéias de Harvey que podemos ter uma noção mais clara do que de fato também está inserido na presente discussão. Ao falar sobre a crise da modernidade, podemos falar, então, de uma crise paradigmática. E, partindo dessa afirmação, é realizada uma análise, baseando-se no conceito de paradigma de Kuhn, onde se buscou um detalhamento à cerca do entendimento da crise do Estado, da crise filosófica da modernidade e da reestruturação do capital. Entendimento esse que possibilitou a identificação, no campo teórico, de duas linhas básicas de pensamento que visualizam alternativas através de uma nova ordem, ou do ajuste da ordem atual.

Frente a esse quadro caótico, foi colocada em discussão a crise do Estado. Ao propor esse debate, a autora analisa o papel do mesmo perante a sociedade e o mercado, traçando comparações que permitem ao leitor visualizar o quão ausente esse Estado encontra-se no cumprimento do seu papel de interventor, de regulador e de administrador das coisas públicas em virtude da pressão sofrida pelo processo de globalização econômica.

Ao mostrar um Estado enfraquecido, Giovana também apresenta os elementos causadores e fortalecedores dessa fragilidade, dentre os quais podemos destacar o papel das ONGs, e toda a discussão que envolve suas reais intenções e seus campos de atuação; dos movimentos sociais de massa que se configuram como um ponto de tensão e de pressão entre os interesses da sociedade e os do capital internacional; bem como o da dita "mão invisível do mercado".

Todavia, destaco como ponto alto do trabalho em análise, a questão referente ao território, à sua gestão, e todas implicações e determinações frente ao que foi exposto até então. Sobre esse aspecto, destaco a atenção dada às diversas formas de se perceber e de se analisar as "novas" formas de territorialidade, bem como suas (inter)ações sobre o espaço, seja ele absoluto ou abstrato, perante à crise do Estado, à reestruturação do capitalismo e à crise paradigmática da atualidade.

Nesse sentido, Giovana estabelece uma análise crítica de quatro propostas de gestão do território fundamentadas sob diferentes escalas geográficas na intenção de apresentar visões diferenciadas de alternativas ao sistema vigente, bem como de destacar suas concepções referentes à visão de globalização, posição em relação às ONGs, visão de Estado, posição em relação à modernidade, gestão do território, dentre outras categorias de análise apontadas. Para tanto, a autora utiliza as propostas dos seguintes autores e suas escalas geográficas de análise: Liszt Vieira e a escala Global; Marcos Arruda e a escala Global-local; José L. Coraggio e a escala Local; e Celso Furtado e a escala Nacional.

Vejo como o grande mérito desse trabalho a forma acessível como a Giovana expõe a preocupação, não em propor um novo paradigma para a Geografia, mas em colocar para o grande "público geográfico" as inquietações que são, e que ainda serão, temas de muitos trabalhos científicos visando a busca de uma "solução" para todos os problemas referentes a gestão de territórios que se constroem e que se desconstroem sob as mesmas expectativas e certezas que deixaram de nos acompanhar nos últimos tempos. De qualquer forma, o conteúdo desse livro só reforça a idéia de que cada vez mais torna-se necessária a reflexão sobre que tipo de sociedade queremos e se temos o poder e o direito de fazer essa escolha, e, sobretudo, se estamos preparados para trabalhar e viver em conjunto para que, dessa maneira, possamos começar a pensar em uma forma mais adequada de administrar tamanha diversidade.